

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PEDAGOGIA**

**BRUNA GOMES ALTIERI**

**O PRINCÍPIO FREINETIANO DE TRABALHO:  
AS CRIANÇAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NO MUNDO**

**Campinas  
2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PEDAGOGIA**

**BRUNA GOMES ALTIERI**

**O PRINCÍPIO FREINETIANO DE TRABALHO:**  
**AS CRIANÇAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NO MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para conclusão de curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Eglér Mantoan.

**Campinas**

**2013**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

AL79p

Altieri, Bruna Gomes, 1990-

O princípio freinetiano de trabalho: as crianças e suas representações no mundo / Bruna Gomes Altieri. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

Orientador: Maria Teresa Eglér Mantoan.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Freinet, Célestin, 1896-1966. 2. Representações sociais. 3. Crianças – Desenvolvimento. I. Mantoan, Maria Eglér II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

13-132-BFE

Bruna Gomes Altieri

O PRINCÍPIO FREINETIANO DE TRABALHO: AS CRIANÇAS E SUAS  
REPRESENTAÇÕES NO MUNDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para  
conclusão de curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.  
Maria Teresa Égler Mantoan.

Campinas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Égler Mantoan

---

Prof<sup>a</sup>. Glaucia de Melo Ferreira

CAMPINAS

2013

*Dedico este trabalho à minha mãe, por estar sempre lá...*

## **RESUMO**

### **O PRINCÍPIO FREINETIANO DE TRABALHO: AS CRIANÇAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NO MUNDO**

Autora: Bruna Gomes Altieri

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Eglér Mantoan

Este estudo trata do conceito de trabalho trazido pelo pedagogo francês Célestin Freinet e como ele se aplica nas salas de aulas que utilizam essa perspectiva de trabalho. As produções realizadas pelas crianças no contexto escolar muitas vezes são propostas desprovidas de sentido para elas, acabam por ser realizadas apenas como uma tarefa ou obrigação. O objetivo desse trabalho é apresentar o princípio freinetiano de trabalho, como as crianças enxergam seu próprio trabalho na pedagogia Freinet e como os professores utilizam esse conceito em suas práticas pedagógicas de forma a tornar esse trabalho significativo para essas crianças. Através de entrevistas realizadas com professores de uma escola freinetiana de Campinas e levantamento bibliográfico sobre o assunto, esse trabalho nos leva a refletir sobre o papel da criança na escola e como o seu próprio trabalho o representa no processo educativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia Freinet; criança; escola; trabalho;

**NÚMERO DE PÁGINAS DO TCC:**

**CURSO:** PEDAGOGIA INTEGRAL

## SUMÁRIO

Introdução .....	8
Capítulo I : Célestin Freinet e a função do trabalho: uma educação para a vida.....	10
1.1 A função do trabalho .....	12
1.2 O papel do trabalho no processo educacional.....	14
Capítulo II : A ação do trabalho como representação humana no mundo .....	15
Capítulo III: O trabalho em sala de aula.....	18
Considerações Finais.....	24
Referenciais Bibliográficos .....	225

## Introdução

*“Suprima o pedestal, de repente você estará ao nível das crianças. Você as verá não com os olhos de pedagogos e chefes, mas com olhos de homens e crianças, e com este ato você reduzirá seguidamente a perigosa separação entre aluno e professor que existe na escola tradicional.” (Freinet).*

No início de 2011, no quinto semestre no curso de graduação em Pedagogia, encontrei a necessidade de adquirir conhecimentos práticos na área da educação, para além dos estágios obrigatórios que fazem parte do currículo do curso. Então fui buscar uma escola em que pudesse fazer o estágio que chamamos de não obrigatório ou remunerado, e foi assim que em março do mesmo ano iniciei um trabalho numa escola tradicional de classe média alta na cidade de Campinas como auxiliar de classe em duas turmas, terceiro e quinto anos do ensino fundamental.

As duas salas em que trabalhei possuíam em média 25 alunos e meu trabalho era essencialmente auxiliar as professoras em suas atividades diárias: correção de provas e cadernos, mediação durante as atividades realizadas em sala, leitura-fruição, entre outras. Durante o recreio as crianças ficavam em um grande pátio muito espaçoso, sob a nossa supervisão e a de alguns monitores, mas não podiam correr. Aquele tempo, fora da sala de aula onde as relações entre as crianças se tornam mais espontâneas, onde o brincar se faz presente na sua essência e na sua espontaneidade os alunos deveriam se sentar, comer seus lanches e aguardar o sinal de retorno para as salas de aula. E cabia a mim, às outras auxiliares e os monitores garantir que isso acontecesse.

No que se referia ao método utilizado por toda a escola, as apostilas eram o principal instrumento pedagógico utilizado pelos professores, que tinham prazos para trabalharem todo o conteúdo que o material trazia e um simulado todo final de trimestre para avaliação do desempenho dos alunos. O simulado era aplicado nos alunos do 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio.

No segundo semestre desse mesmo ano fui convidada pela coordenadora pedagógica do ensino fundamental I a assumir a turma de quinto ano que fazia parte do período integral na escola, ou seja, de manhã essas crianças participavam das atividades regulares e à tarde havia atividades complementares, e uma delas era fazer a lição de casa. Portanto assumi uma turma de seis alunos, todos meninos, para fazer a mediação no momento da tarefa de casa. O local que nos foi designado para essa atividade era uma pequena sala abafada dentro da biblioteca, onde era praticamente impossível realizar esse trabalho sem sentir certo mal estar. Então conversei com as crianças e decidimos juntos que a cada dia da semana faríamos a lição de casa em um local diferente da escola, ao ar livre, que eles mesmos escolhessem, onde se sentissem mais a vontade.

A partir dessa mudança pude perceber que as crianças se empenhavam mais em fazer aquele trabalho, que se sentiam mais confortáveis naquele momento. No gazebo, na quadra, no pátio ou no parque, os alunos se sentiam pertencentes àquele processo, pois havia ali a opinião deles, seus desejos, mesmo que ainda de forma superficial, já que as crianças não poderiam opinar ou optar pelo que estudar, por exemplo. Essa mudança durou aproximadamente um mês. Fui chamada para uma reunião com a coordenadora pedagógica pois, segundo ela, eu não possuía autonomia para fazer mudanças desse tipo, que aquela não era a proposta da escola e que eu era apenas uma estagiária em processo de formação e me orientou a voltar para a pequena sala da biblioteca com as crianças. Aproximadamente vinte dias depois rescindi o contrato de estágio, na primeira quinzena de novembro.

Ao passar por essa experiência a **pergunta** que me inquietou foi: qual a relação das crianças com aquilo que produzem? Elas veem naquele produto o seu trabalho? No que eu havia presenciado, não. Mas existe alguma pedagogia que contemple essa relação de pertencimento entre a criança e o que ela produz?

Até então eu não havia tido experiências dentro de uma escola, portanto as características que mais me impressionaram quando entrei foram baseadas nas leituras e discussões vividas na universidade, ou seja, eu não possuía experiências práticas em outras escolas que trabalhassem de forma diferente desta. Portanto fui buscar outra escola que me apresentasse outra pedagogia, que respeitasse os desejos e preferências das crianças, que as tornasse sujeitos ativos no processo

educativo, e não apenas “executores” de uma tarefa determinada a partir do que o professor entendia como importante para a sua formação. E foi assim que conheci a Pedagogia Freinet através primeiramente de um curso oferecido pela escola, e posteriormente pelo estágio.

O **objetivo** desse trabalho é apresentar ao leitor o princípio freinetiano de trabalho, qual a sua importância para o processo educativo e como os professores que utilizam a perspectiva freinetiana de trabalho utilizam esse conceito em suas práticas de forma a torná-las significantes para as crianças. A **metodologia** utilizada para que esse trabalho fosse executado se baseou em pesquisas bibliográficas sobre a vida do autor estudado e também outros que acreditassem na importância do trabalho no processo educativo. Além disso, foram feitas entrevistas com profissionais da área da educação que trabalham sob a perspectiva freinetiana de educação para que pudesse embasar também de forma prática esse trabalho.

## **Capítulo I : Célestin Freinet e a função do trabalho: uma educação para a vida**

Célestin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896 na cidade de Gars, no sul da França e passou a maior parte de sua infância como pastor de rebanhos. Coursou a escola Normal de Nice e decidiu se tornar professor primário, apesar de não tê-lo terminado por conta da guerra. Porém, Freinet não tinha a mesma concepção de educação comum à sua época, acreditava numa escola onde a vida pudesse entrar na sua forma mais genuína, onde as crianças fossem respeitadas enquanto sujeitos que pensam, tem desejos e opiniões.

O que ele procurava, acima de tudo, era um caminho que satisfizesse todas as crianças, sem exceção, com suas diferenças de inteligência, caráter e posição social. Ele queria encontrar técnicas que pudessem ser utilizadas por todos, numa linha de interesse global da classe, sem causar problemas a nenhuma criança, respeitando o rendimento escolar de cada uma.”(Sampaio, 2007 p18)

Sem condições financeiras e materiais, Freinet assume em 1920 uma escola instalada na aldeia de Bar-sur-Loup, e começa seu trabalho se atentando para o que as crianças diziam, seus gostos e seus comportamentos de modo a conhecer cada um de seus alunos individualmente, para que através disso pudesse atender às necessidades educativas que aquelas crianças demonstravam possuir. E foi assim que o professor percebeu que dentro da sala de aula as crianças não se interessavam completamente por nenhum assunto ou atividade, que aquela técnica pedagógica praticada a tanto tempo não abrangia os saberes que aquelas crianças estavam buscando. Então, porque não sair daquele local que limitava as relações das crianças com a natureza? A vida estava lá, a poucos metros deles... Foi assim que Freinet nos trouxe a aula-passeio, um momento em que as crianças saíam da sala de aula para ver o mundo como ele é, e como a vida realmente acontece na sua plenitude e simplicidade. Observavam a natureza, as pessoas trabalhando, paravam para olhar tudo o que lhes era interessante. Ao retornarem desse

momento, as crianças traziam seus questionamentos sobre o que viram, o que mais gostaram e quais suas percepções. Para Freinet não existia melhor maneira de aprender senão a experiência empírica de estar em contato com o que se queria estudar.

Na volta dos passeios a atmosfera da classe era outra: cada um queria contar o que vira, o que descobrira, queria mostrar o que trouxera nos bolsos ou lembrar um fato ocorrido durante o passeio, como o encontro com a mãe de um colega que batia a roupa nas pedras do rio, o eco ressoando pelo vale...Era a vida entrando na sala de aula. (Sampaio, 2007 p.16)

Além da aula-passeio, grande exemplo de trabalho prático feito pelas crianças, Célestin Freinet acreditou nas habilidades e capacidades de cada criança poder organizar seu dia a dia na escola e suas etapas do trabalho: cada um dos alunos opta pela atividade que mais lhe agrada e motiva, e dessa forma torna aquele momento de atividade prazeroso, os desejos dos alunos são a base da organização do trabalho.

Durante esse capítulo utilizei, essencialmente, como base bibliográfica o livro “A Educação do Trabalho”, obra do próprio autor que nos traz, através de uma belíssima história escrita em prosa, o principal princípio que norteia a Pedagogia Freinet e que é o tema gerador desse trabalho.

## 1.1 A função do trabalho

Uma das principais, e talvez a mais importante concepção trazida por Freinet para o universo educacional é a do **trabalho**. Para esse autor, o trabalho é o motor da concepção de educação popular e é através dele que as crianças se tornam sujeitos ativos no processo educacional, e conseqüentemente em suas próprias vidas, já que elas têm necessidade de trabalhar e talvez seja esse o grande impasse do fracasso da educação tradicional e conservadora.

...pois chega um momento em que persistir em práticas escolares que já não correspondem à técnica de vida ambiente torna-se como que um freio à

evolução que agita o mundo, uma traição às verdadeiras necessidades da humanidade (Freinet, 1998, p.311)

Muitas vezes as atividades propostas pelos professores em diversas escolas não são constituídas de significado para os alunos e não são escolhidas a partir de suas opiniões e contribuições, o que torna a experiência de produção distante e desprovida de sentido para as crianças, e aquele produto passa a ser apenas uma tarefa e não trabalho dele próprio

Há trabalho todas as vezes que a atividade - física ou intelectual- suposta por esse trabalho atende a uma necessidade natural do individuo e proporciona por isso uma satisfação que por si só é uma razão de ser. Caso contrário, não há trabalho mas serviço, tarefa que se cumpre apenas por obrigação - o que é totalmente diferente." (Freinet, 1998 p.316)

Para Freinet (1998)

O trabalho não é algo que se explique e se compreenda; é uma necessidade que se insere no corpo, uma função que tende a ser satisfeita, músculos que se movimentam, relações de íntima concordância que se estabelecem, trajetos que se abrem e se fortalecem.

O trabalho realizado pelas crianças é direcionado a partir das necessidades individuais de cada uma delas o que favorece o desenvolvimento da autonomia de cada um, e conseqüentemente do coletivo da sala Freinet. As atividades das crianças trazem consigo uma utilidade, uma razão de ser, não são feitas para demonstrar domínio em determinados conhecimentos de interesse do professor, elas são as ferramentas de socialização com o outro, um instrumento de enriquecimento pedagógico do coletivo, em qualquer proporção. Pode-se espalhar as produções pelas paredes da escola, ou se comunicar com outras escolas através da correspondência interescolar, a intenção é compartilhar o que se aprende e o que se sabe, é produzir para o outro e também para si mesmo.

## 1.2 O papel do trabalho no processo educacional

Ao considerar o trabalho como motor da educação Freinet repudia qualquer tipo de imposição em relação ao trabalho que será feito pelos alunos, para ele as crianças não são trabalhadores pagos por peças para que os professores os imponham um trabalho e venham verificar com olhares críticos o que produziram, são como flores que com a intervenção generosa de seus professores nascerão e florirão cada um há seu tempo.

Como vocês querem que suas lições sejam instantaneamente proveitosas aos seus alunos? É preciso que os elementos que vocês lhes transmitem sejam pacientemente apreendidos, dissolvidos, lentamente filtrados, incorporados à seiva, e que por fim esta suba, enriquecida. (Freinet, 1998, p165)

Quando a escola concebe o trabalho como tarefa, desprovido de sentido e significação para aquele que o faz, espera-se que as crianças adquiram conhecimentos, que aprendam e demonstrem através de provas e verificações aquilo que foi assimilado, como se todas as crianças percorressem o mesmo caminho, ao mesmo tempo e no mesmo ritmo. Para Freinet (1998), ao adotar esse modo de trabalho

Seus alunos não digeriram seus alimentos, a seiva não se enriqueceu com eles. Vocês só fizeram um trabalho superficial, não só inútil mas perigoso, já que a natureza terá de quebrar essa crosta inoportuna, que atrapalhará e desviará seu desenvolvimento, já que será finalmente forçada a buscar, contra a vontade dos professores, as linhas normais e salutares de seu crescimento.

Na educação do trabalho, o que se aprende se estrutura na livre expressão das crianças e dos professores e nos interesses de todos, o que gera um sentimento de sucesso coletivo, pois naquele ambiente se faz o que se gosta e é feito com prazer. Surge daí a ideia da Pedagogia do Sucesso, assim chamada por trazer para a criança a sensação de bem estar e de que ela é capaz de fazer determinada atividade, pois foi feita a partir de seus interesses e preferências, respeitando seu ritmo de trabalho. A criança se sente acolhida e aceita como ela é, com suas especificidades, dificuldades e qualidades, que fazem parte de sua constituição como sujeito que pensa, sente, opina e imagina.

## **Capítulo II : A ação do trabalho como representação humana no mundo**

Freinet acreditava que o trabalho fazia parte da essência do homem, e que através dele as pessoas constroem seus papéis na comunidade em que vivem. O trabalho é o modo que se utiliza para nos colocarmos no mundo e deixarmos nossa marca, é por meio dele que estamos representados. Ele imprime nossa presença no mundo.

A escola, como local de formação, deve ter o trabalho como principal elemento da educação, para que a partir dele a criança também deixe sua marca e seja representada pelo seu processo de trabalho. O trabalho, quando formador e transformador traz para aquele que o realiza o sentimento de que aquilo que foi produzido possui uma utilidade, um motivo para existir. E foi esse o grande impasse que encontrei naquele estágio feito em uma escola tradicional, citado na Introdução desse trabalho. As crianças não produziam suas atividades para um fim, para o outro ou para si mesmo, mas apenas para cumprir uma determinada meta estipulada pelo adulto, que muitas vezes nem se dedicava a debruçar-se sobre a produção daquela criança, a qual dedicou um tempo de sua vida para fazê-la, em que determinado raciocínio foi pensado e planejado para que esse processo fosse constituído. São esforços da criança que não podem ser ignorados, mas sim reconhecidos pelo adulto. O aluno deve se sentir satisfeito com seu trabalho e ver seus esforços e manobras reconhecidos pelo professor, como partes de um processo de criação e execução de uma atividade proposta por ele mesmo e para si mesmo.

A educação deve ser móvel e flexível na forma; deve forçosamente adaptar suas técnicas às necessidades variáveis da atividade e da vida humanas. Nem por isso deve deixar de cumprir plenamente o seu duplo papel: exaltar no indivíduo o que ele tem de especificamente humano, a parcela ideal que ilumina uma razão de viver mesmo nas piores degradações; enriquecer e fortalecer o acervo comum de conhecimentos, que é como que nossa terra nutriz, o substrato essencial de nosso devir. (Freinet, 1998)

Ainda sobre a experiência na escola tradicional, não encontrei momentos em que o professor mostrava ao seu aluno os sucessos conquistados no processo de

execução de uma prova por exemplo. Sim, mesmo que o produto do seu trabalho não seja o esperado pelo outro ou por si mesmo, não podemos dizer que aquele tempo dedicado a um trabalho escolar foi perdido. Aprendemos com os acertos, mas principalmente com nossos erros. Lembro-me de um episódio em que uma criança do 3º ano do ensino fundamental respondeu a uma questão da prova de matemática:

Se em uma maternidade nascem 5 bebês por dia, quantos bebês nascem em 1 semana?

A resposta da criança foi “0” bebês.

A professora se inquietou com a resposta, já que a criança não costumava errar questões lógico-matemáticas. Quando questionado sobre o porque dessa resposta, a criança respondeu

*- Um bebê demora 9 meses para nascer, então não tem como nascerem bebês em 1 semana.*

A criança utilizou o raciocínio que encontrou para explicar aquela situação naquele momento e, se analisamos sua resposta devidamente, ele não está completamente errado. As crianças encontram seus próprios caminhos para concluir seus objetivos e esses caminhos devem ser reconhecidos, já que o importante não é apenas o produto do trabalho, mas este como um processo importante para a formação do indivíduo.

Hanna Arendt em sua obra “A condição humana” nos apresenta conceitos semelhantes ao de Freinet sobre trabalho e obra. Para essa autora (1981):

o trabalho é a “atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento espontâneo, metabolismo, e eventual declínio estão ligados às necessidades vitais produzidas pelo para alimentar o processo da vida. A condição humana do trabalho é a própria vida” ( p. 9).

O trabalho se encontra como a satisfação de uma necessidade básica do homem, a ânsia de trabalhar está inserida na concepção de homem enquanto ser existente, e sua existência está diretamente relacionada com a possibilidade de trabalhar. Já a

obra é uma atividade artificialmente produzida com determinado fim, ou seja, é uma atividade que “corresponde à não naturalidade da existencia humana, que não está incrustada no sempre-recorrente ciclo vital da espécie e cuja mortalidade não é compensada por este ciclo”. Segundo Arendt na mesma fonte ( 1981)

...a obra produz um mundo artificial de objetos, nitidamente diferente de todo meio natural. Dentro de suas fronteiras habita cada uma das vidas individuais, embora este mundo ele próprio se destine a sobreviver e a transcender todas elas. A condição humana da obra é o pertencer-ao-mundo. ( p.9)

Podemos relacionar o conceito de “obra” ao que chamamos de trefismo, aquele processo em que realizamos o trabalho de forma artificial, apenas para que ele exista, e não em busca de uma finalidade ou utilidade para ele. O conceito de obra definido por Hanna Arendt (1981) não se encontra na essência humana e o trabalho, por esse motivo é entendido como um processo artificial, não-natural da condição humana.

...quase todo trabalho no mundo moderno é realizado sob forma de obra, sorte que, mesmo que o desejasse, o operário não poderia trabalhar para sua obra e não para si mesmo, muitas vezes contribuindo para a produção de objetos de cuja forma ulterior não tem a menor noção. (p. 154)

Assim como Freinet, Arendt concede ao trabalho um papel de extrema importância na formação do homem crítico, que opina e se manifesta contra as injustiças provenientes do seu próprio trabalho, mas não apenas isso. A educação do trabalho propicia ao individuo as rédeas de trajetória escolar, e é isso que contribui para a sua criticidade e autonomia. Arendt em obra já citada afirma:

O *homo faber* (homem que produz) é realmente amo e senhor, não apenas porque é o senhor ou se arrogou o papel de senhor de toda a natureza, mas porque é senhor de si mesmo e de seus atos. ( p. 157)

## Capítulo III: O trabalho em sala de aula

Ao estudar as propostas pedagógicas de Célestin Freinet, procurei relacioná-las de alguma forma com as práticas de profissionais da educação que trabalhassem efetivamente com essa perspectiva de trabalho pedagógico. Foi assim que encontrei na cidade de Campinas a Escola Curumim, fundada em 1978 por pais que procuravam uma escola com uma abordagem diferente da escola tradicional e que acreditavam numa educação participativa e comunitária. Futuramente seria organizada apenas por profissionais da área da educação, que se mantiveram em contato com as pesquisas relacionadas à Pedagogia Freinet, estudaram sobre suas técnicas e métodos, de modo a manter vivas essas práticas.

A primeira entrevista foi feita com a professora Ana Paula, membro da Turma da Ciência (4º ano) da referida escola.

### **1 - O que fez com que você optasse por trabalhar numa perspectiva pedagógica freinetiana?**

*Não sei se acho que é uma “opção”, prefiro dizer que é um encontro. Lembro-me quando ouvi falar da Pedagogia Freinet pela primeira vez... Naquele momento pensei “uau, é o que eu ‘sonhava’, o que eu ‘queria’ já existe!”. Tratei logo de ir atrás de uma escola Freinet. Na verdade acho que não conseguiria fazer de outro jeito. Estou me fazendo professora em uma escola Freinet, não me imagino trabalhando de outro jeito. A Pedagogia Freinet dá voz às crianças, garante a livre expressão e o desenvolvimento da autonomia e me permite trabalhar com as crianças e não para elas.*

### **2 – O que você entende por trabalho?**

*Vejo o trabalho como um esforço para cumprir uma meta, para crescer, para se desenvolver. O trabalho é formador quando permite criar, realizar e superar. O*

*trabalho precisa ter um objetivo claro que seja compreendido por quem vai executá-lo.*

### **3 – Como a idéia de trabalho está presente nas produções das crianças?**

*A sala de aula Freinet é um verdadeiro canteiro de obras. As crianças fazem seus planos de trabalho no início da semana e se organizam para cumprir o que planejaram. Cada criança estabelece uma meta para sua semana. Assim, a meta da criança passa a ser uma grande responsabilidade para ela.*

*As crianças aprendem a identificar suas necessidades e, com autonomia, vão vencendo-as e estabelecendo outras novas metas.*

*Mas, é essencial que nós, professoras, coloquemos as “mãos na massa” também, trabalhando junto, e não dando as ordens.*

*Nesses dias, a Turma da Ciência (nome da turma da qual faço parte) está produzindo um jornal sobre poluição. Organizamos, juntos, as seções do jornal e as crianças se tornaram responsáveis por essa produção que será distribuída para toda a escola depois de pronta. Todos os dias, na roda inicial, as crianças avaliam o que já foi feito e o que ainda falta fazer. Depois da organização, algumas crianças se dispõem a fazerem determinadas partes do jornal, contribuindo como podem, dando o máximo de seus esforços e trabalhando para cumprir as metas que elas mesmas estabeleceram para a produção do jornal.*

### **4 – Em relação ao que você observa em suas práticas e nas atividades propostas pelos alunos, como o conceito de trabalho está nas entrelinhas desse processo?**

*O trabalho está presente o tempo todo no dia a dia de uma sala Freinet, desde o início da aula, quando juntos organizamos nosso dia, na roda inicial.*

*A própria organização da sala é uma responsabilidade de todos que dela fazem parte. Temos um quadro de ajudantes na sala, onde toda semana as crianças se responsabilizam por algum item de organização: chamada, lição de casa, organização dos armários, ajudantes da assembléia de Jornal de Parede, ajudante do Livro da Vida, ajudante da professora e ajudante dos amigos, entre outras funções.*

*A realização dos projetos, as pesquisas, estudos e observações... O trabalho acontece todos os dias na sala Freinet, seja nos ateliês ou coletivamente. O importante é que as crianças compreendam o sentido das propostas de trabalho e sintam necessidade em realizá-lo.*

## **5 - Quais são, na sua opinião, as principais divergências entre a pedagogia Freinet e a pedagogia tradicional?**

*O que mais me incomoda no ensino tradicional é a idéia de todas as crianças fazerem a mesma coisa ao mesmo tempo. Isso é extremamente incoerente quando pensamos que cada criança tem suas próprias necessidades e seu próprio ritmo de trabalho. Não acredito na exigência igual para todas as crianças, prefiro pensar em uma exigência justamente alta para cada indivíduo, pois cada um é único, tem suas particularidades e suas necessidades individuais. O plano de trabalho e o trabalho em ateliês garantem que cada criança realize o que lhe é necessário.*

*Na escola tradicional, a criança é comandada por um adulto, que é autoridade, e ela deve obedecer passivamente, sendo obrigada a fazer trabalhos que não deseja e que não são importantes naquele momento.*

*Na Pedagogia Freinet, a criança é vista como criança e como um cidadão que tem seus direitos e seus deveres, que participa das escolhas, que pode falar, mas que precisa aprender a ouvir e que participa ativamente da resolução de seus próprios conflitos e das decisões do grupo.*

Através da entrevista realizada com a professora da Turma da Ciência podemos encontrar relatos de como o trabalho se encontra em todas as praticas pedagógicas que acontecem dentro de uma sala Freinet, tanto nas atividades individuais quanto coletivas, e como a utilização deste conceito como parte essencial deste processo contribui para a formação dessas crianças.

A segunda entrevista foi realizada com a diretora da Escola Curumim, Gláucia de Melo Ferreira, para que fosse apresentada uma visão mais globalizada da ação do trabalho como parte do processo educativo.

## **1 - O que fez com que você optasse por trabalhar numa perspectiva pedagógica freinetiana?**

Já desde os anos da minha faculdade, na Unicamp, minha formação foi marcada por alguns professores que ajudaram a construir um olhar crítico sobre a escola e a educação tradicional. Isso me levou a buscar e querer conhecer experiências que questionassem as velhas formas escolares. A Curumim foi a oportunidade de conhecer a Pedagogia Freinet e aí eu me encantei com esta proposta.

## **2 – O que você entende por trabalho?**

Dentro do modelo capitalista no qual vivemos, o trabalho tem sido compreendido como uma atividade obrigatória, a qual todo cidadão deve cumprir para garantir o sustento. Esta é uma visão bastante disseminada em nossa sociedade. Produzir e desempenhar certas tarefas para obter o pagamento que é dado em forma de salário. De uma forma geral podemos dizer que dentro desta concepção o trabalho é visto como algo que não realiza as nossas necessidades fundamentais.

Na concepção de Freinet o trabalho é visto como uma forma de nos colocarmos no mundo e realizarmos o nosso potencial criador e produtivo. Um exemplo poderia ser o de um marceneiro que trabalha a madeira, ele a transforma e a torna um objeto útil para ele ou para alguém. Neste processo ele afirma a sua potencialidade e se insere nas relações com as pessoas e com o mundo.

O trabalho é visto por Freinet como algo de essencial ao ser humano.

## **3 – Como a idéia de trabalho está presente nas produções das crianças?**

Em toda a dinâmica da sala de aula o trabalho está presente. A curiosidade e interesse das crianças por tudo que as cerca precisa ser explorado e conhecido. É pelo trabalho que este processo irá acontecer. Assim, por exemplo, se eles estão fazendo uma atividade de Culinária, muitas perguntas podem surgir. Como a farinha misturada com ovos e leite se transforma em bolo? Por que a água não se mistura com o óleo. O que precisamos comer para ter boa saúde? Muitas e muitas

perguntas podem ser levantadas (até mesmo com a ajuda do professor para estimulá-las) e a resposta a estas perguntas será um trabalho investigativo.

**4 –Em relação ao que você observa em suas práticas e nas atividades propostas pelos alunos, como o conceito de trabalho está nas entrelinhas desse processo?**

A sala de aula Freinet é um Canteiro de Obras. Os alunos escolhem o trabalho que irão realizar. Se continuamos com o exemplo da Culinária, podemos explorar as situações de registro para trabalhar com a escrita.

Numa sala Freinet o professor está sempre atento para promover atividades que sejam significativas na vida da criança, que não sejam a mera execução de uma tarefa.

**5 -Quais são, na sua opinião, as principais divergências entre a pedagogia Freinet e a pedagogia tradicional?**

Freinet se baseia nesta idéia de trabalho produtivo e significativo. Uma turma pode, por exemplo se organizar para produzir um álbum sobre uma aula passeio que eles realizaram. Os textos livres são lidos para o grupo numa Roda de Conversa e podem ser escolhidos para fazerem parte de uma pequena publicação ou de um Jornal. Assim, o trabalho tem um lugar de honra, ele é visto como a realização do ser.

Nas pedagogias tradicionais o professor distribui tarefas, questionários, provas.

Numa palavra, poderíamos dizer que a principal oposição entre a pedagogia tradicional e a pedagogia Freinet é a oposição entre trefismo e trabalho.

As contribuições trazidas pela professora Gláucia apresentam a contraposição entre o trabalho como moeda de troca por dinheiro, visto pela maioria das pessoas como obrigação e um fardo, e o trabalho enquanto forma de engrandecimento humano e como parte da construção de um sujeito “social”,que

tomará decisões tanto em sua vida privada como pública, atribuindo criticidade e consciência á elas.

## **Considerações Finais**

Este trabalho surgiu a partir de questionamentos sobre o que realmente é importante e essencial durante o processo educativo pelo qual as crianças passam todos os dias, independente da escola que freqüentem. Afinal, que elementos contribuem de forma efetiva para a formação daquele que está ali para aprender, mas também para ensinar, se relacionar com os outros, mas também com o ambiente em que está inserido? De que forma tornar a escola um ambiente em que a criança realmente pertença a ele e que ela também tenha esse sentimento?

Conhecer e estudar de forma mais aprofundada a Pedagogia Freinet me proporcionou reflexões sobre como empregar o trabalho como princípio educativo possibilita às crianças praticarem a autonomia, a reflexão sobre seus desejos e preferências, a organização de seu próprio dia a dia, e seu crescimento pessoal, transformando a sala de aula em um ambiente prazeroso e de sucesso para todos aqueles que participam do processo educativo.

## Referenciais Bibliográficos

ARENDT, H *The Human Condition* [HC], Chicago, University of Chicago Press, 1958. Tradução brasileira de Roberto Raposo, com uma Introdução de Celso Lafer: *A Condição Humana*, Rio de Janeiro, Forense Universitária / Salamandra, São Paulo, EDUSP, 1981.

FREINET, Célestin *Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *A educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAMPAIO, Rosa Maria W. Ferreira. *Freinet. Evolução Histórica e Atualidades*. São Paulo: Scipione, 1994

[www.escolacurumim.com.br](http://www.escolacurumim.com.br)

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Caaarlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979

